

## **Método de análise e construção da paisagem**

### **Permanências e mudanças na paisagem da Baía Noroeste de Vitória (ES)**

**Lilian Dazzi Braga (1)**

**Orientadora: Eneida Maria Souza Mendonça (2)**

(1) Universidade Federal do Espírito Santo; Av. Henrique Moscoso, n° 1843, apt° 801 – Vila Velha, ES  
– CEP: 29100-021, tel.: (27) 3239-3425/ (27) 9865-3173.

e-mail: lilian\_dazzi@hotmail.com

(2) Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário,  
Goiabeiras, Vitória – ES, CEP: 29075-910, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de  
Estudos em Arquitetura e Urbanismo – NAU; tel.: (027) 3335 2563.

e-mail: eneidamendonca@gmail.com

Linha de pesquisa: Impacto das intervenções no ambiente urbano

#### **RESUMO**

A análise das permanências e mudanças na paisagem de Vitória em meio ao recente processo de urbanização do município permite identificar valores paisagísticos do ponto de vista de setores diferenciados da população, que de algum modo mantêm ou mantiveram vínculo com a área de objeto de estudo. Sabe-se que esses valores paisagísticos em sua maioria têm relevante importância para a orientação do processo de urbanização vigente e futuro.

As recentes modificações na paisagem da região da Baía Noroeste de Vitória, efetivamente ocupada com as invasões sobre o mangue e posteriormente os aterros de lixo, a partir de 1970, e desde então a contínua ocupação e investimentos em infra-estrutura urbana por parte da prefeitura, criam um cenário de interesse para o projeto, que tem como base a coleta de depoimentos de pessoas-chave que de algum modo tenham vivenciado ou contribuído para a transformação desta paisagem.

#### **ABSTRACT**

The analysis of stays and changes in the landscape of Vitória in way to the recent process of urbanization city allows to identify landscape values of the point of view of differentiated sectors of the population, that in some way keep or had kept bond with the area of study object. It is known that these landscape values in its majority have excellent importance for the orientation of process of the current and future urbanization.

The recent modifications in the landscape of the Northwest region of the Bay of Vitória, effectively occupied with the invasion of the swamp and then the landfill of waste, from 1970, and since then the continuous occupation and investments in urban infrastructure on the part of the city hall, create a scene of interest for the project, that has as base the collection of depositions of key persons who have lived in some way or contributed to the transformation of this landscape.

**Palavras chave: Paisagem urbana, estética urbana, ocupação urbana**

## 1. INTRODUÇÃO

O presente sub-projeto insere-se no projeto de pesquisa Método de Análise e Construção da Paisagem. O estudo da região da Baía Noroeste de Vitória, propicia um contraponto à análise realizada na região da Praia do Canto (em fase anterior do projeto 2007-2008), pelo contraste sócio-econômico entre as áreas.

Dentre as diversas conseqüências do processo de urbanização este estudo dá importância à permanência dos referenciais da paisagem, estimando a possibilidade de compatibilizar futuras formas de ocupação urbana à manutenção da visibilidade e acessibilidade dos referenciais da paisagem. Toma-se como referência um dos procedimentos metodológicos delineados por Mendonça (2004), a identificação dos referenciais da paisagem, para analisar, no contexto da área de estudo, quais seriam as permanências e as mudanças relacionadas à paisagem diante do processo de urbanização ocorrido.

## 2. CONTEÚDO

Tem-se como base para a análise da paisagem em questão a coleta de depoimentos, em caráter qualitativo, de pessoas-chave no âmbito da vivência e contribuição na transformação da paisagem da Baía Noroeste, através de um roteiro de entrevistas semi-estruturado que busca estimular o entrevistado a relatar suas experiências em relação à paisagem da área em estudo, descrevendo suas qualidades, sejam atuais ou em relação ao passado.

Para a realização das entrevistas, não houve antecipadamente uma quantidade definida de entrevistados. Pretende-se realiza-las em número e variedade de personagens suficientes de modo a abranger a totalidade da área de estudo e o alcance de conclusões. Foi elaborada uma listagem prévia, a partir de contatos já estabelecidos (lideranças comunitárias) e de nomes identificados durante a pesquisa; conta-se também com a indicação de novos personagens, a partir das próprias entrevistas.

Entende-se a paisagem como uma experiência humana, de acordo com SANTOS (2007) “a combinação de objetos naturais e objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação de atividade de muitas gerações.” Assim, a paisagem se compõe de dois elementos: “Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele e os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente.” (IDEM) A paisagem é então o resultado de uma acumulação de tempos. “Assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social.” (SANTOS, 2007).

A região noroeste da ilha de Vitória, já é conhecida, segundo registros de viajantes, desde a época da colônia, quando Vasco Fernandes Coutinho tomou posse da Capitania do Espírito Santo. Desde essa época as formações rochosas têm destaque na descrição da paisagem de Vitória. Entre elas o Mestre Álvaro, avistado à grandes distâncias, e o Maciço Central. A presença da água também sempre esteve presente no imaginário dos viajantes e moradores de Vitória. Na região da Baía Noroeste predomina o ecossistema de mangue, sendo marco na sua paisagem.

O primeiro povoado da região surgiu no atual bairro Ilha das Caieiras, ponto estratégico de parada e descanso para viajantes e comerciantes que seguiam o Rio Santa Maria. Mas somente na década de 1970 que a região começa a ser efetivamente ocupada, com a migração de pessoas que vinham trabalhar na cidade de Vitória devido à nova demanda de empregos gerados pela implantação de grandes indústrias na região. A economia não absorve todo esse novo contingente de habitantes, e essa população de menor renda irá se abrigar em moradias precárias em invasões, na sua maioria, sobre o mangue da região noroeste.



Figura 01 – Baía Noroeste e sua ocupação atual, em primeiro plano o bairro Ilha das Caieiras.

*“É porque antes o manguezal era assim, chegava lá na encosta, um pouco pra cá, é que foi aterrado, era como se fosse umas praias, tinha umas pedras, tinha muitas pedras você andando para prainha. E tinha um pesqueiro, depois vinha um valão feio pra caramba. Um valão, porque já tinham algumas obras à vinte anos atrás, já tinha algumas residências, tudo assim, palafitas, casinhas bem mais simples. Depois alguns foram construindo, melhorando, mas era a maioria barraco.”*<sup>1</sup>

*“Era verde, tinha muito verde, e nós pra poder invadir tínhamos que quebrar o verde, era todo mundo quebrando, limpando, pra poder construir.”*<sup>2</sup>

São relatadas as primeiras impressões e lembranças da região por alguns moradores:

*“Para mim a impressão era como se fosse um pequeno lugarejo né. Interior, porque você via carangueijo atravessando. Se bem que hoje em dia, você ainda vê no asfalto, de vez em quando num buraco sair um caranguejinho, e atravessa o asfalto quente.”*<sup>3</sup>

*“Tinha muita mangueira, muito coqueiro, caju, goiaba, araçá, era uma vegetação, era lindo. Essa parte aqui, desse morro aqui, era uma fazenda. Fazenda da menininha agente chamava.”*<sup>4</sup>

*“Olha, e o mangue era rico. (...) Tinha um peixe chamado moréia, hoje eu nem sei se existe mais, tinha esse moréia aqui e você pegava na porta da casa. Foi o peixe, o carangueijo, as coisas que o mangue oferece eram a alimentação do povo que vivia aqui. Achamos aqui um terreno rico, porque cavamos e achamos água, bebíamos água do poço artesanal, e alimento o mangue tinha tudo para nós. (...) O que a gente comia aqui, o que alimentou esse bairro muito tempo, não tem mais nada. Você não vê a moréia mais, e eu acho que é um símbolo do que a gente teve e perdeu. Porque o homem veio como predador, o homem não se preocupou: não vou jogar esgoto. Os esgotos foram todos pro mangue. (...) Porque se eu ensinar uma criança, ela vai ter consciência do que ela vai preservar, e nós viemos a fim de eu quero me estabilizar, ninguém se preocupou com amanhã.”*<sup>5</sup>

As famílias viviam em palafitas sobre o mangue sem nenhuma infra-estrutura de saneamento:

*“A primeira lembrança de quando a gente veio pra esse bairro aqui, a gente caía na pinguela né, dentro do mangue, carangueijo não comia a gente porque era pequeno, machucava.”*<sup>6</sup>

Em 1977, após reivindicação dos moradores, a prefeitura inicia aterros na região. Em 1978, de um acordo entre moradores e a prefeitura, iniciou-se um processo de aterro sanitário, onde a Prefeitura depositaria o lixo durante a noite e compactaria durante o dia, o que gerou um depósito de lixo a céu aberto.

*“E era a usina de reciclagem, só que tinha no início lixo orgânico misturado com aterro. E como que se aterrava esse mangue que a gente tinha que invadir? ninguém tinha condições de pagar aterro. A gente cercava alguns caminhos e mandava os caminhos jogar aqui, e quantas vezes nós achamos crianças, achamos corpo, achava dinheiro, achava de tudo naquele lixo. Muitas pessoas sobreviveram catando comida. (...) Então o lixo começou a trazer um benefício, daqui a pouquinho o próprio lixo começou a incomodar, porque a mosca veio, o rato veio, a doença veio, o urubu veio... tudo aconteceu.”*<sup>7</sup>

De acordo com PEREIRA (2006) a urbanização dos bairros invadidos acaba por gerar a atração de outras pessoas para a região, o que resulta em novas invasões e conseqüentemente novos aterros, a degradação do ecossistema e “afastando” cada vez mais o contato visual com a baía.

---

<sup>1</sup> Márcia Tânia Ribeiro Santana, moradora do bairro Mário Cypreste.

<sup>2</sup> Cecília Aparecida Fonseca Nunes, moradora do bairro Resistência.

<sup>3</sup> Márcia Tânia Ribeiro Santana, moradora do bairro Mário Cypreste.

<sup>4</sup> Maria da Glória Silva de Oliveira, moradora do bairro Joana D’Arc.

<sup>5</sup> Cecília Aparecida Fonseca Nunes, moradora do bairro Resistência.

<sup>6</sup> Geraldo Salles, morador do bairro Grande Vitória.

<sup>7</sup> Cecília Aparecida Fonseca Nunes, moradora do bairro Resistência.

*“A prefeitura fez aterros em umas certas áreas que foram invadidas. E o resto foi fazendo escondido... eu percebi isso, a maioria dos aterros era feita final de semana e a noite. Agora, na área do manguezal foi tudo a prefeitura quem fez. Aqui na área de cima de Caratoira, invadiram o cemitério você acredita, tem pessoas ali que você vai nas casas e se você cavar para plantar alguma coisa você acha osso de defunto... é complicado né.”*<sup>8</sup>

Uma característica desse processo de urbanização é a força dos movimentos sociais organizados dos bairros que compõem a região:

*“Porque o pessoal aqui tinha uma coisa, eles corriam atrás. A gente via um negocia mal feito a gente ia pra prefeitura com bandeira, de carro, e a pé, chegava lá o prefeito não queria atender. Era assim, era uma luta social boa...”*<sup>9</sup>

Atualmente a região conta com rede de infra-estrutura urbana para a maior parte de sua população, de acordo com FORNACIARI (2008), carece ainda de investimentos em urbanização, principalmente de espaços públicos, investimentos em saúde pública, segurança e empregos.

*“Eu tenho saudade de muitas coisas Mas as melhorias que veio, veio a orla né, que é uma beleza que tem ali, que é uma coisa muito linda, veio o parque, a gente tem o campo de futebol que tem a grama artificial que quase não tem aqui né, muito bonito, então é muito privilégio. E linha de ônibus, que a gente tem doze linhas de ônibus passando aqui na Serafim. (...) Hoje, não tem muito mais como diferenciar porque já está povoado, vai crescer pra cima, porque as casas já estão né, vão começar a construir três, quatro andares, que já estão construindo.”*<sup>10</sup>

Assim, em sua maioria as mudanças na paisagem são reconhecidas como a perda de áreas verdes e a perda do contato mais direto com a paisagem natural em função da paisagem construída, são encaradas como uma evolução das necessidades geradas pela população.

*“Se eu for ter saudade do mangue outra vez eu não posso ter saudade né. Se eu for ter saudade daquele povo que vivia tudo essa época até favelado, igual eu também vivia, não pode ter saudade.”*<sup>11</sup>

*“Primeiro, a luta do povo em fixar moradia, e quanto a reserva, a beleza era maior. Mas precisava né, tem aquele lado da comunidade que precisa construir e não se faz omelete sem quebrar os ovos. (...) Hoje o bairro não tá feio não, tá bonito, mas é uma história diferente da outra. Sai a árvore e entra a lajota. É diferente, são quadros diferentes. É bonito porque pra nós tá nos atendendo quanto a isso, e eu ainda to falando de verde de meio ambiente assim, porque é coisa que nós passamos por isso. Mas não teve ninguém pra nos ensinar a prezevar. Não teve ninguém pra ensinar nem que ia ter essa diferença um dia. (...) Não imagino paisagem. Imagino cidade de pedra só isso.”*<sup>12</sup>

Do material colhido até então, são mencionados referenciais paisagísticos como o mangue, a vegetação e o processo construtivo, as referências à urbanização e suas implicações no modo de vida das comunidades. Pode se perceber também como dentro da área de estudo, composta por treze bairros, apesar de apresentarem uma caracterização comum à região, devido à sua extensão observam-se características específicas, devido principalmente aos diferentes inícios de ocupação.

---

<sup>8</sup> Márcia Tânia Ribeiro Santana, moradora do bairro Mário Cypreste.

<sup>9</sup> Suely da Silva Mendes, moradora do bairro Ilha das Caieiras.

<sup>10</sup> Maria da Glória Silva de Oliveira, moradora do bairro Joana D’Arc.

<sup>11</sup> Geraldo Salles, morador do bairro Grande Vitória.

<sup>12</sup> Cecília Aparecida Fonseca Nunes, moradora do bairro Resistência.

### **3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Isabella B. M. Modernidade e assimetrias na paisagem: a fragmentação de ecossistemas naturais e humanos na baía noroeste de Vitória-ES. São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de mestrado), 2005.

FORNACIARI, D. Z. O desafio dos espaços públicos de lazer e cultura na cidade contemporânea. 2008. (Projeto de graduação)

MENDONÇA, Eneida M. Souza. Método para análise e construção da paisagem urbana – uma contribuição ao plano na escala do setor urbano para Vitória (ES). Vitória: FACITEC/NAU – UFES, 2004.

PEREIRA, Gabriela L. A Baía Noroeste de Vitória no contexto da paisagem urbana: um ensaio comparativo do método para análise e construção. 2006. (Relatório de pesquisa).

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. 5ª edição. São Paulo: Editora EDUSP, 2007.

SILVA, Bruna G. P. Evolução da paisagem urbana de Vitória: a baía noroeste até o século XIX. 2006. (Relatório de pesquisa).